



UM RELATO DE EXPERIÊNCIA: LEITURA E ESCRITA COMO RECURSO METODOLÓGICO NO TRABALHO DA TEMÁTICA VIOLÊNCIA ESCOLAR EM UMA UNIDADE DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

Anderson Ferreira do Nascimento¹

RESUMO:

O presente trabalho tem como objetivo relatar as experiências acerca da utilização da leitura e escrita como recurso metodológico no trabalho da temática violência escolar. A experiência estruturou-se na necessidade da escola de desenvolver práticas pedagógicas que fortalecessem a missão de educar numa perspectiva prazerosa, significativa, efetiva e sem violência na construção da cultura da paz. Foi através de oficinas de leitura e produção textual que se procurou atingir o foco linguístico, como também se priorizou uma comunicação com interlocução dos alunos para uma cultura pacífica de convivência, direcionando-os a um envolvimento de diminuição da violência no cotidiano escolar. A pesquisa foi realizada em uma escola pública do ensino fundamental e médio da cidade de Olinda em Pernambuco. Metodologicamente, o estudo se fundamenta numa pesquisa de abordagem qualitativa de caráter descritivo, buscando a constatação do impacto no ambiente escolar provocado pelas atividades propostas de leitura e escrita no combate à violência escolar. Esse relato apresenta reflexões sobre a proposta vivenciada apontando contribuições da prática, tendo em vista que o uso das metodologias que foram utilizadas e que contribuíram para minimizar os índices da violência escolar nas múltiplas “leituras”, de forma que estes conhecimentos os tornassem autônomos e capazes de comunicar-se numa perspectiva interativa e com consciência, favorecendo o resgate da autoestima e a promoção de um ambiente de paz escolar, onde as relações interpessoais de todos que fizessem a escola fosse fortalecidas de forma tolerante, harmoniosa, justa e solidária.

¹ Especialista em Linguística Aplicada a Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Piauí.
E-mail: anfena31@hotmail.com

Palavras-chave: leitura, escrita, violência escolar, metodologia de ensino

1. LEITURA

Há muito tempo se considera a capacidade de ler essencial à realização pessoal. Preparar o jovem para participar de uma sociedade complexa como a atual, que requer aprendizagem autônoma e contínua ao longo da vida, é o desafio que cada vez mais se aceita a premissa de que o progresso social e econômico de um país, depende muito do acesso que o povo tem aos conhecimentos indispensáveis transmitidos pela palavra impressa.

É na escola que podemos identificar a motivação do crescimento do público leitor; mas é também nela que nos mostra, diante do número alarmante aqueles que não têm acesso a leitura; e ainda identifica a leitura como forma de incentivo à produção da escrita nas escolas, como também, o professor valorizar os textos pelo compreender do estudante, que são voltados ao seu interesse. Sabe-se que a escola tem se equivocado em sua missão de habilitar os alunos, desde os anos iniciais, a ler com compreensão e a escrever textos com coesão e coerência com razoável correção. É crescente a preocupação da escola em assumir, de modo claro, o ensino da leitura. E é um grande desafio para quem leciona Língua portuguesa fazer de seu aluno um bom leitor e um bom escritor.

A formação do leitor, na escola, tem duas facetas. Uma delas é o desenvolvimento sistemático e progressivo das habilidades de leitura – compreensão, interpretação, inferência, avaliação, etc. A segunda faceta é o incentivo à leitura como prazer e lazer, o que se faz promovendo o convívio dos alunos com livros de diferentes gêneros – narrativos, poéticos, histórias em quadrinhos, etc.

Atualmente, o ensino passa por uma reforma das atividades em sala de aula e a escola tenta acompanhar a rapidez com que os mecanismos tecnológicos evoluem na sociedade.

O processo de ensino e aprendizagem deve levar o aluno a construção gradativa de saberes sobre os textos que circulam na sociedade com diversos gêneros e tipologias, proporcionando no aluno um refinamento de habilidades de leitura e de escrita, de fala e de escuta pelos textos no desenvolvimento da capacidade de reflexão sistemática sobre a língua e linguagem.

O professor desempenha papel fundamental na vivência do aluno. Ele precisa ter ciência de sua importância no processo da formação do indivíduo, pois a dificuldade de se fornecerem atividades significativas para os alunos é um dos maiores obstáculos a vencer. É facilitador do

processo de ensinar e aprender. Ele capta a dimensão da importância, muda seu comportamento em sala de aula para criar condições tais para que o aluno goste de aprender e também a motivá-lo a novos interesses e desejo de saber para proporcionar descobertas. Para SILVA (1995, p.20): “Ao professor cabe entender a evolução do processo da criança, abrindo-lhe espaço para que ela possa aplicar suas hipóteses e avançar em seu conhecimento.”

A contribuição do professor, em relação às leituras previstas para um texto, é dar as condições para que o leitor possa produzir sua leitura, dando-lhe oportunidade de conhecer a história de leituras do texto e desenvolver sua própria história de leituras. O professor deve, quando necessário, estabelecer as relações entre os diferentes textos, resgatando a história dos sentidos do texto, sem obstruir para o aluno o curso da história (futura) desses sentidos dados aos textos apresentados pela TV em programas de entretenimento infanto-juvenil e aqueles que lhe são atribuídos por um professor em sala de aula. Ele deve colocar, portanto, desafios à compreensibilidade do aluno sem deixar de lhe propiciar as condições para que esse desafio seja assunto de forma consequente. Segundo DE PIETRI (2009, p.86):

“A elaboração de uma aula de leitura exige então que o professor seja um bom leitor e que seja capaz de oferecer ao leitor em formação recursos para a solução dos problemas encontrados nos textos que lê, o que inclui o acesso a outros textos que fundamentem sua atividade. Assim, não é possível considerar uma aula de leitura que se limite a apresentar um único texto, isoladamente, sem referência a outros textos. Não é possível considerar uma aula de leitura que se esgote no tempo de uma aula.”

Supõe-se que a leitura leva o aluno à construção de um possível senso crítico, pela compreensão do texto trabalhado pelo professor, no incentivo entre o universo interior do jovem e a sua cultura. Geralmente, os exercícios de compreensão de textos podem conduzir à análise, síntese, avaliação, releitura integral ou tópicos do texto, dependendo das características dos gêneros e dos objetivos. Escolhido o texto, preferencialmente junto com os alunos, o professor tem que observar se a mensagem foi absorvida, e, depois disso, partir para a criação, sem resistir à vontade de escrever, recompor e reinventar.

O livro apresenta temas e assuntos variados, sendo destinado a crianças e jovens, adaptados à compreensão do leitor e que se identifique ao seu universo. É importante que o texto os conduza a refletir sobre a realidade, posicionando-se criticamente diante da mesma. Segundo Zilberman (1988, p.117):

“Parece ficar evidente que o texto se introduz na escola para servir a interesses diversos: de um lado, os da história literária e da cultura; de outro, os de veiculação de conhecimentos já consolidados segundo uma postura acrítica. Entretanto, em nenhum dos lados, reconhecem-se os interesses dos estudantes.”

Cabe levantar os tipos de textos que podem circular na sala de aula, avaliando e descrevendo previamente os materiais de leitura, que não se limitam ao livro, incluindo o jornal, a revista, o folhetim; e ainda compreender as razões que determinam a preferência pelo texto escrito, especialmente o de natureza artística, vale dizer, a obra literária. ZILBERMAN (1988) completa o pensamento sobre a escolha de textos dizendo que a compreensão e o posicionamento diante das necessidades dos alunos devem presidir a escolha dos textos e a leitura deles, assumindo a condição de critérios a orientar a análise e recepção das obras. Escolhido o texto, junto aos alunos de preferência, o professor tem que observar se a mensagem foi absorvida, e depois disso navegar rumo aventureiro da criação, sem resistir à vontade de escrever, recompor e reinventar.

Dessa forma, o livro, no processo educacional, tem um papel importante, no entanto, usá-lo como meio à leitura e não um fim para prejudicar o processo de ensino aprendizagem, pois a alternativa de desenvolvimento ao ato de ler e escrever é complementada também através de textos diversos. A prática de leitura patrocinada pela escola precisa ocorrer num espaço de maior liberdade possível. Ela só se torna livre quando se respeita, ao menos em momentos iniciais do aprendizado, o prazer ou a aversão de cada leitor em relação a cada livro.

A constatação de que o aluno é incapaz de realizar tarefas próprias da leitura, como perceber a estrutura do texto ou perceber a intenção do autor é preocupante, porque grande parte dos alunos, em geral, não atinge sequer níveis de escolarização que permitam a utilização dessas estratégias naturalmente.

O trabalho da leitura colabora significativamente para que os alunos estabeleçam uma interação e um vínculo muito próximos com a língua escrita e o próprio ato de leitura, isso sem ressaltar as práticas de linguagem do desenvolvimento da construção do texto e da oralidade que também estão relacionadas estreitamente a leitura.

A leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade. A tarefa de incentivo à leitura deve começar no período escolar e inserir-se na realidade do estudante. Lendo o próprio texto ou textos alheios, o aluno passa a ter intimidade com a leitura e faz desse recurso um modo efetivo de construir conhecimento. Dessa forma, o estudante se liberta em parte da disciplina exigida pelo aprendizado de regras e pode desenvolver leitura direcionada a uma construção de sentidos. A ideia é que o escritor compartilhe com o seu leitor uma mesma linguagem de entendimento, beneficiando-o com todas as pistas que o escritor faz na constituição do seu texto para uma compreensão.

Para LUCKESI (1991) o processo de leitura se dá em duas dimensões que é a de ler a própria realidade, as circunstâncias do mundo em que se vive, as suas solicitações, provocações e valores numa linha de reflexão e crítica; posteriormente, a de decodificação da palavra escrita, que nada mais é que a comunicação e transmissão desta primeira leitura da realidade e do mundo.

O leitor tenta encontrar sentido na palavra impressa, formula hipóteses sobre o que ocorrerá no texto, controla a sua própria leitura para ver se interpretou bem ou se necessita corrigir-se para continuar encontrando sentido, pois ela efetiva o sentido.

O compreender da leitura é o pretexto para o desenvolvimento expressivo das crianças que por intermédio do texto lido, o estudante é estimulado a criar, sendo seu produto valorizado em função da originalidade apresentada, e não em virtude da correção ortográfica e sintática. Isso resulta no relacionamento amplo e genérico do leitor com um texto qualquer. Nem sempre a natureza desse é esclarecida, de modo que falta a compreensão, o gerenciamento das ideias formadoras da interpretação.

Na concepção de SILVA (1991, p.44) diz:

“O ‘compreender’ deve ser visto como uma forma de ser, emergindo através das atitudes do leitor diante do texto, assim como através do seu conteúdo, ou seja, o texto como uma percepção ou panorama dentro do qual os significados são atribuídos.”

A compreensão do significado é sempre a meta do leitor; a expressão do significado é sempre o que o escritor tenta conseguir, pois tanto o escritor como o leitor estão muito limitados pelo que já sabem, o escritor ao produzir e o leitor ao compreender.

Para uma exata compreensão de um texto, escritor ao produzi-lo, procura apresentar todas as pistas necessárias para facilitar a construção do sentido. A ideia é que o escritor compartilhe com seu leitor uma mesma linguagem de entendimento. Dessa forma, o leitor se beneficia de todas as pistas que o escritor faz, a constituição do seu texto.

MARCUSCHI (1989) afirma que a compreensão do que se lê é apenas gerada pela decodificação das informações textuais simplesmente, mas também por “uma espécie de negociação de sentidos”. Assim, a atividade inferencial constitui uma atividade fundamental para propiciar a interpretação dos enunciados, uma vez que ela contribui para a organização de sentido.

A compreensão, como relata Marcuschi (1989), ocorre diante da percepção e do estabelecimento das relações as quais podem ser sintagmáticas – relação de uma palavra com outra numa cadeia atual e pragmática – relação entre palavras e fatos. Compreensão, portanto, é um processo que supera as reproduções informativas textuais seja pela simples extração do significado ou pela memorização. Nela, além das condições textuais, influenciam condições pragmáticas, cognitivas e fatores como conhecimentos do leitor, necessários à determinação do que é relevante.

Sendo assim, na maioria das atividades escolares de compreensão textual, pressupõe-se que os alunos tenham com a leitura uma participação dinâmica, seja interpretando textos, expondo ideias, ou mesmo extrapolando seus conhecimentos para outras áreas.

O professor promove a utilização autônoma de estratégias de compreensão leitora nos alunos, sendo o mediador, situando o aluno no contexto mais amplo das funções que a escola na sociedade atual deve desempenhar, o de vincular o objetivo de aprender a ler ao objetivo de ler para aprender, decifrando o significado das práticas sociais em que estão inseridos para solucionar problemas de toda a ordem, pois são indivíduos que têm crenças, sentimentos, vontades, interesses, ideias e ideais que merecem respeito, considerando a sua formação para a cidadania, entendida como a construção do “direito a ter direitos”.

2. ESCRITA

O texto é uma construção histórica e social, altamente complexa e multifacetada. Pode se constituir através de uma manifestação oral ou escrita, formado de elementos linguísticos selecionados e ordenados. Durante a atividade verbal ou escrita, o texto permite aos parceiros, na interação, não apenas a compreensão semântica, como também, a interação de acordo com as práticas sócio-culturais.

Entende-se por texto um tecido de natureza léxico-gramatical, que se submete a padrões sintático-semânticos, e ainda, a padrões de encadeamento e organização. É um conjunto de características que fazem com que um texto seja um texto, e não apenas uma sequência de enunciados concatenados, tendo seu significado como um todo, resultado de operações lógicas, semânticas (e pragmáticas) que causam a integração entre os significados dos enunciados que o compõem.

Todo texto encerra uma mensagem: uma significação. Por isso, deve ser um todo, um conjunto de palavras que formam sentido. Quando se produz algum texto, precisa-se ter em mente o interlocutor.

O sentido de um texto é construído na interação texto-sujeito ou texto-coenunciadores e não algo que preexista a essa interação. Por isso, na busca pelo sentido, é preciso levar em conta a intenção do produtor do texto. E o ouvinte/leitor de um texto buscará recursos do conhecimento e estratégias cognitivas para ser capaz de interpretar o texto como possuidor de sentido.

Um texto é analisado em vários planos e sob diversos aspectos, salientando que qualquer análise deve ser feita, sempre, em função do sentido da compreensão, da coerência, da interpretabilidade do texto. Esta análise não é um fim em si mesma. É um meio para se perceber melhor como acontece a interação verbal entre as pessoas, para que se possa ampliar nossas habilidades de comunicação e atuação verbal e, assim, aprimorar o nosso próprio desempenho.

Um texto deve formar um todo. E para isso, deve estar bem concatenado em suas partes. Assim, a coesão define-se como uma tessitura textual através de mecanismos linguísticos, ou seja, o modo como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se encontra interligados. A coesão acontece quando há uma dependência de um elemento a outro, criando uma relação de sentido, uma sentença ligada com a anterior, direcionada à elaboração de um

texto com elo coesivo. Existem relações, categorias e recursos que auxiliam na identificação da tessitura textual.

Tudo num texto deveria estar relacionado. A conexão facilita para que um enunciado esteja subordinado a outros na medida em que não só se compreende por si mesmo, mas ajuda na compreensão dos demais. Se o aluno não estiver familiarizado com compreensão e análises de textos, provavelmente sentirá dificuldade em escrever com mais formalidade. Daí, a importância de um trabalho de revisão dos textos, de análise do sentido das coisas que a gente diz. As atividades voltadas ao texto proporcionam uma nova forma de ensino da língua portuguesa que proverá a aprendizagem do aluno, ampliando suas habilidades linguísticas e criando condições de refletir sobre a sua qualidade de vida.

Conclui-se, então, que nenhum texto é produzido para nada. Sempre há alguém (o locutor) que o produz para alguém (o interlocutor), com determinada intenção. Por essa razão, só se pode dizer que um texto é coerente e coeso, ou seja, apresenta textualidade, quando é adequado ao contexto discursivo, isto é, à situação para a qual foi produzido. Assim, não há textos coesos e coerentes em si. A textualidade depende diretamente do contexto discursivo, marcado por uma continuidade.

3. METODOLOGIA

3.1 Caracterização do campo e dos sujeitos do projeto

O projeto foi realizado numa escola estadual de ensino fundamental e médio, no município de Olinda- PE. A cada 90 (noventa) dias, participavam 20 (vinte) estudantes que escolhiam entre 3 oficinas (leitura, escrita e/ou teatro) ofertada a um público do 5º ano até 3º ano do ensino médio. Todos com um perfil pré-determinado e escolhidos pelos professores. Cabe salientar que eram “convidados” voluntariamente para participarem, no entanto, teriam que seguir as regras da escola quanto ao horário e a proposta das oficinas.

3.2 A prática das oficinas

A metodologia das oficinas foi pensada depois de analisarmos dados dos resultados das provas externas, o alto índice de registros violentos no âmbito escolar e na questão ética da educação, na formação dos estudantes na adoção de atitudes de respeito, solidariedade e cooperação. A proposta de abordagem com oficinas de leitura, escrita, coral, teatro e ética profissional, alinhou-se a formação de educandos como centro do protagonismo na dimensão

de sujeitos autônomos e protagonistas críticos com leitura de mundo, compreendendo a própria condição de vida na desigualdade social e discriminação.

Paulo Freire defendia uma prática educativa crítica, transformadora e libertadora na construção de uma nova realidade, sendo assim, os estudantes com maiores dificuldades de aprendizagem e personalidade não harmônica com o ambiente escolar foram observados, investigados na realidade da sala de aula e desafiados a participarem, democraticamente, na perspectiva de interação de práticas, teorias e valores no estímulo a ação de experiências em grupo para uma reflexão do pensar, sentir e agir.

Iniciou-se no contraturno, a partir de uma sequência didática dinâmica e diferenciada para atrair de forma lúdica os estudantes com baixo rendimento escolar e comportamento desrespeitoso. Durante três meses, dois dias na semana pela manhã, realizou-se a uma oficina de cunho profissional intitulada “Português Instrumental” e nos outros dias uma oficina de leitura de textos sobre diversos temas sociais para o desenvolvimento integral do grupo nas oficinas de letramento e, como complemento, foram ofertadas palestras com temáticas diversificadas, voltada a uma educação para a paz, gerando um novo projeto dentro da escola com o tema: “Faça sua parte: seja tolerante e semeie a paz” envolvendo toda a comunidade escolar. Em sala de aula, a partir das produções feitas pelos alunos, conseguimos a publicação, com produção e diagramação na própria escola, dos livros “Era uma vez I...” e “Era uma vez II...” com uma noite de autógrafos. Um marco nas vidas dos estudantes que até, então, se sentiam fora do contexto escolar, devido à ausência de motivação e entusiasmo.

No entanto, foi no gênero teatral que se identificou o despertar para o conhecimento e transformação do grupo específico. O teatro pode ajudar a construir o futuro, promovendo situações de reflexão coletiva, incluindo as relações no processo de aprendizagem do aluno, pois parte da premissa da arte coletiva e lúdica, contribui para o convívio entre as pessoas, a forma de se trabalhar em equipe e a superação de pré-conceitos. Os estudantes liam as obras ou trechos delas, reescreviam e criavam na capacidade de experienciar com liberdade o processo de criação, conforme a imaginação em uma leitura reflexiva, desenvolvendo posicionamentos com posturas críticas sobre os fatos da sociedade. Assim, surgiram apresentações de várias peças teatrais escritas e produzidas pelos estudantes, abordando gêneros textuais diversos com temas polêmicos para serem discutidos mais adiante em sala de aula como, por exemplo, “gravidez na adolescência”, obras relacionadas com a religião e, dentre outras, o futuro no mercado de trabalho. Uma conduta inovadora já se observava durante as etapas conduzidas

pelos oficinas. Com isso, se percebeu que os estudantes envolvidos, diminuíram a prática da violência pelos corredores e em sala de aula, ressaltando o papel social importante para a prática de cidadania com o estimular dos questionamentos na criança e no adolescente na construção de sua identidade na sociedade, prevenindo a delinquência, violência, abandono escolar, uso de drogas, marginalização em geral e a inserção no mercado de trabalho.

3.3 Resultados

Para obtenção dos resultados, com vista a alcançar o objetivo do projeto, se escolheu os professores com carisma e empatia para saber lidar com as histórias específicas dos estudantes. A convergência de esforços de professores, servidores, estudantes, equipe gestora, comunidade e instâncias colegiadas inseridas em vários contextos sociais, mas contextos distintos.

Logo, outros grupos de estudantes interessados na formação de novas oficinas e envolvidos, facilitou a elevação do IDEB da escola.

A experiência foi apresentada no GESTAR II – Programa Gestão de Aprendizagem Escolar, devido a diminuição da situação de alto índice de violência e uma transformação no processo de aprendizagem com processos de reflexão, expressão, comunicação, integração, lazer, com a participação efetiva do professor interagindo com os alunos. Consideramos que a partir dos resultados obtidos no ambiente escolar, houve uma contribuição para o incentivo à leitura e a produção textual, fundamental no homem para o desenvolvimento da posse da palavra como interpretação lógica, crítica e segura no interagir com o mundo de forma pacífica.

4. CONCLUSÃO

Considerando o objetivo da pesquisa que foi através de oficinas de leitura e produção textual que se procurou atingir o foco linguístico, como também se priorizou uma comunicação com interlocução dos alunos para uma cultura pacífica de convivência, direcionando-os a um envolvimento de diminuição da violência no cotidiano escolar. Buscou-se no contexto escolar congregar estudantes numa ação de reflexão da construção de um ambiente harmônico com regras disciplinares, interações pedagógicas e relações de respeito, longe de uma escola com rivalidades, disputas e enfrentamentos. Criando um ambiente educacional e social de respeito, liberdade de pensamento e consciência das diferenças.

— Há uma necessidade de uma Educação voltada para autonomia, para a ética, para a valorização da diversidade cultural e para busca da identidade. Neste processo, a leitura



constitui um dos instrumentos de extrema importância e necessário para o indivíduo compreender o mundo, compartilhar das experiências diversas e reelaborar suas próprias experiências. Quanto a escrita atrelada a leitura, resulta em um encontro de significações transformadores dos seres , com avanços a partir do universo da palavra , imagem e do livro na aquisição de competências para os usos da língua e da linguagem. Compreendendo que a aprendizagem do indivíduo é algo que deve ser construído socialmente (sociointeracionismo), no âmbito das relações humanas.

BIBLIOGRAFIA:

1. DE PIETRI, Émerson. Práticas de leituras e elementos para a atuação docente. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Ediouro, 2009. p.86.
2. FLICK, Uwe. Introdução à pesquisa qualitativa. Tradução Joice Elias Costa. -3.ed-Porto Alegre: Artmed, 2009
3. LOPEZ, Joana. *Pega Teatro*. São Paulo, Centro de Teatro e Educação Popular, 1980.
4. LUCKESI, Cipriano et alii. Leitura como leitura do mundo. In: ____ : Fazer universidade: uma proposta metodológica. 6ª ed., São Paulo, Cortez, 1991; cap. 1-2, p. 119, 124 e 136.
5. MARCUSCHI, Luiz Antônio. O processo inferencial na compreensão de textos – Relatório apresentado ao CNPQ, Recife, 1989.
6. SILVA, Ezequiel Theodoro da. Necessidade de um Inquérito sobre Leitura. In: ____ . O ato de Ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 5ª ed., São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1991. p.44.
7. SILVA, Maria Alice S. Souza e. Construindo a leitura e a escrita: reflexões sobre uma prática alternativa em alfabetização. 6ª ed. São Paulo, Ática, 1995, p.20.
8. SPOLIN, Viola. *Improvisação para o Teatro*. São Paulo: Perspectiva, Trad. Ingrid D.Koudela e Eduardo Amos. São Paulo, Perspectiva, 2001, 4ª edição.
9. ZILBERMAN, Regina. A leitura e o ensino da literatura. In: ____ . São Paulo, Contexto, 1988; (Coleção Repensando o Ensino), p. 117.